

## ESTUDO SOBRE A ARTE DE RECORTAR PAPEL EM PELOTAS: RENDAS E TOALHAS DECORATIVAS

MARIA CELOÍ DA SILVA VOLZ; ROBERTO HEIDEN

Universidade Federal de Pelotas – [mcsvolz@gmail.com](mailto:mcsvolz@gmail.com)  
Universidade Federal de Pelotas [heidenroberto@gmail.com](mailto:heidenroberto@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado de pesquisa que abordou uma expressão de arte popular ancestral, o saber-fazer do recorte de rendas e toalhas em papel. Esse trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa intitulado “Histórias sobre arte, memória e patrimônio em Pelotas-RS”. Nosso estudo identificou que este conhecimento é oriundo de tradições que chegaram com antigos imigrantes, sendo transmitido ao longo de gerações. Esses saberes estão sendo perdidos, como o exemplo da arte do recorte em papel. Dessa forma, buscou-se mapear a memória dessa técnica para valorizar essa tradição.

A arte do recorte em papel pode ser encontrada em diversos países, mas apresenta características diferentes em cada um deles. Sua história remonta à antiga China, onde o papel foi inventado, tendo se internacionalizado ao longo do tempo. Em Portugal, ela pode remontar aos séculos XIV e XV. Entre o século XVII e o início do século XX, era comum se confeccionar em Portugal a decoração de diferentes receitas de doces com rendas e toalhas em papel recortado. Os portugueses também costumavam produzir rendas de papel para prateleiras e outros tipos de ornamento, tudo em diferentes padrões figurativos e/ou abstratos. Também por volta do século XVII e XVIII, países como a Alemanha e a Suíça desenvolveram uma tradição de recorte em papel decorativo que se chama *scherenschnitte*. A técnica foi amplamente disseminada nos séculos posteriores e variava desde padrões decorativos geométricos até imagens bíblicas e cenas rurais (HEIDEN, 2024; PROENÇA, 1999; RIBEIRO, 1999).

Com base nas informações acima mencionadas, é importante destacar que as “pelotines”, bases para doces recortadas à mão e usadas até a década de 1970 para ornamentar receitas tradicionais pelotenses, têm vínculos históricos com antigas versões decorativas de origem portuguesa. Além disso, as rendas para mesas e prateleiras produzidas por nossos colaboradores durante a pesquisa, que serão abaixo apresentadas, possuem semelhança com as rendas portuguesas sistematizadas no estudo de Emanuel Ribeiro (1999) em sua obra clássica intitulada “A arte do Papel Recortado em Portugal” (HEIDEN, 2024; RIBEIRO, 1999). Outro fato a destacar é que a maioria de nossas colaboradoras tem descendência germânica, o que não foi um critério de escolha, mas sim uma notória recorrência entre as participantes que se disponibilizaram a colaborar.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa começou com a realização de uma revisão bibliográfica sobre o tema da arte do recorte em papel. Em seguida, foi desenvolvido um questionário para a condução de entrevistas com testemunhas diretas ou indiretas da prática da arte do recorte em papel, dada a escassez de documentos sobre o tema. A partir do questionário, foram entrevistadas seis senhoras.

As entrevistadas, com idades variadas, testemunharam a tradição do recorte em papel: Amanda da Silva, brasileira de origem alemã, nascida em 1940, atualmente com 83 anos. Ivone Pening, brasileira de origem pomerana, nascida em 1956, atualmente com 68 anos. Zilma Reinhardt Otto, brasileira de origem alemã, nascida em 1950, com 74 anos. Cleni Döring Quandt, brasileira de origem pomerana, nascida em 1963, atualmente com 61 anos. Rosa Maria Rodrigues Fonseca. Brasileira (não identificou possíveis origens étnicas), nascida em 1935, atualmente com 87 anos. Estela Inês Correia de Castro (mãe brasileira e pai uruguaio), nascida em 1959, atualmente com 65 anos.

O registro sonoro e visual das entrevistas foi realizado com o auxílio de um telefone celular. A transcrição dessas entrevistas teve como objetivo reunir dados e informações sobre a técnica, resgatando como os trabalhos manuais em papel eram realizados, deixando um registro para estudos de futuros pesquisadores.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as entrevistadas, cinco delas dominavam a técnica de realização dos trabalhos manuais em papel dobrado e recortado, enquanto uma conhecia como testemunha. Ao longo das entrevistas, o trabalho foi sendo registrado com imagens e também os recortes foram sendo coletados para que fossem analisados, conforme se pode observar nas figuras 1, 2, 3, 4 e 5:



**Figuras 1, 2, 3, 4 e 5:** Na primeira imagem, a senhora Zilma realiza dobras para, na sequência, recortar uma toalha. Na imagem seguinte, a senhora Amanda corta papel sanfonado para realizar uma renda. As três últimas imagens mostram, respectivamente, os recortes das senhoras Ivone, Cleni e Estela Inês. Fotos: Maria Celoi da Silva Volz.

Apresentamos na sequência alguns dos resultados obtidos a partir de nossas entrevistas. Inicialmente, citamos a senhora Amanda da Silva (2024). Ela relatou que começou a desenvolver o recorte em papel desde os 12 anos, aprendendo a técnica observando outras mulheres. Ela afirma que gostava de fazer esse trabalho para ornamentar sua casa, pois “antigamente”, era difícil ter-se condições de comprar toalhas e guardanapos decorativos. Para demonstrar esse conhecimento, Amanda realizou, durante a entrevista, algumas toalhas de papel dobrado, cortadas com tesoura. De posse de papel dobrado em formato de sanfona, ela iniciou o recorte marcando as dobraduras, criando desenhos semelhantes a formas geométricas, tais como triângulos, losangos, dentre outros.

A senhora Ivone Pening (2024) lembra que tinha aproximadamente 12 anos, quando começou a aprender artesanato com sua mãe, inclusive a técnica dos trabalhos manuais de recorte em papel. Ivone relatou que os formatos de desenhos nas toalhas eram inventados na hora de sua fabricação, usando-se da criatividade

individual. Não havia, portanto, um manual ou fonte de consulta em que pudessem se basear para o desenvolvimento dos recortes.

Zilma Reinhardt Otto (2024) relatou que aprendeu a técnica do recorte com sua mãe. Com 8 anos ela já ajudava a confeccionar as toalhas de papel para colocar nos armários da casa. Também falou sobre a dificuldade que se tinha “antigamente” em se comprar rendas para enfeitar a casa e que, por isso, precisavam de criatividade para organizar a residência.

Por sua vez, a senhora Cleni Döring Quandt (2024) relatou que aprendeu o recorte em papel para realização das rendas e toalhas na escola. Durante a entrevista ela lembrou-se que essas técnicas que aprendeu teriam como origem os “germânicos”. Disse que não existia material publicado sobre a técnica, mas que os ensinamentos eram transmitidos oralmente. Ela também nos relatou que as rendas e toalhas em papel eram utilizadas para enfeitar as casas e os comércios, principalmente em datas especiais ou comemorativas. Ela disse que o uso das toalhas de plástico sucedeu as de papel. Cleni também nos relatou que os homens faziam outros tipos de artesanato, de aspecto mais rústico, utilizando cipó colhido nas matas, enquanto as mulheres faziam geralmente os trabalhos em papel. Ela ainda complementa que “antigamente” era comum o uso de rendas e toalhas de papel de seda, mas hoje não se vê esse tipo de artesanato e comentou que: “lembro até hoje da minha madrinha, uma senhora de 80 anos que tinha ainda guardado aquelas coisas antigas e bonitas de papel, com triângulos, losangos e quadrados. Hoje ninguém mais dá valor a arte antiga”.

Rosa Maria Rodrigues Fonseca (2024) nos relatou que tinha entre 10 a 12 anos quando testemunhou a prática da arte do recorte em papel, que não chegou a dominá-la, porém, recorda das casas enfeitadas com os recortes e que pessoas de diferentes classes sociais utilizavam esse tipo de decoração. Além disso, ela lembra de desenhos recortados no formato de bonecas de mãos dadas, xícaras e flores. Diz que os homens não faziam este tipo de artesanato, somente as mulheres e meninas. Ela lembra ainda que essas toalhas em papel foram utilizadas por bastante tempo.

Por fim, citamos Estela Inês Correia de Castro (2024). Ela relatou que aprendeu a fazer toalhas em papel com sua mãe e que tinha entre 6 a 7 anos quando conseguiu segurar a tesoura para confeccioná-las. Comentou que as primeiras toalhas teriam ficado ruins, porém, com o passar do tempo, a técnica foi aprimorada. Ela lembra que sua família sabia confeccionar esses recortes - desde sua avó, até as suas primas - todas tinham muitas habilidades artesanais. Estela ainda relatou que até os 16 anos realizava recortes decorativos para sua casa. Além disso, ela comentou que depois de um certo tempo voltou a fazer esse artesanato para enfeitar o altar de sua denominação de fé.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao avaliarmos o conjunto de respostas de nossas entrevistadas, foi observado que todas conheceram o processo de realização de recortes decorativos feitos com papel e tesoura, para decoração da casa em diferentes oportunidades, tais como na vida cotidiana ou em dias festivos. Cinco de nossas entrevistadas praticaram essa técnica de artesanato. Uma sexta entrevistada foi testemunha da prática e relatou que há “muito tempo” viu os recortes adornando as prateleiras de armários e de guarda-louças com portas de vidros, segundo ela “lembranças maravilhosas de sua infância”.

Segundo nossas entrevistadas, os recortes eram usados principalmente em armários, guarda-louças e também em bandejas e cestas para frutas e pães. Outro ponto em comum foi que todas afirmaram que os recortes decorativos eram prática e domínio das mulheres. O *design* era feito conforme a sua época e poderiam aparecer temas diversos. As figuras poderiam ser previamente desenhadas, ou recortadas diretamente sobre o papel dobrado. A técnica era muito utilizada por ser econômica e acessível, bastava ser explorada a criatividade. Em relação aos tipos de papéis utilizados, foram mencionados o papel pardo, o papel de seda, o papel crepom, bem como jornais e revistas.

Considerando-se o histórico de Pelotas e região, marcado pelas culturas portuguesa e germânica, bem como pelo fato de que a ampla maioria dos entrevistadores que colaboraram com essa pesquisa informaram suas origens familiares direta ou indiretamente ligadas a antepassados germânicos, deduz-se que a decoração a base de papel recortado que sobrevive na memória dos detentores desse saber, tenha sido uma tradição oralmente transmitida ao longo das gerações por esses povos de diferentes origens.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**CASTRO, Estela Inês Correia de.** Entrevista concedida para Maria Celói da Silva Volz em Pelotas, em 05 de agosto de 2024.

**FONSECA, Rosa Maria Rodrigues.** Entrevista concedida para Maria Celói da Silva Volz em Pelotas, em 27 de julho de 2024.

HEIDEN, Roberto. **As pelotines em papel recortado no contexto das tradições docesiras de Pelotas (RS):** memória e cultura material. Rio de Janeiro: Revista eletrônica semestral do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. V: 17; nº 01 (2024), p. 10-37, 2024. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/1035/983>. Acesso em 07 de agosto de 2024.

**OTTO, Zilma Reinhardt.** Entrevista concedida para Maria Celói da Silva Volz em Pelotas, em 10 de maio de 2024.

**PENING, Ivone.** Entrevista concedida para Maria Celói da Silva Volz em Pelotas, em 18 de maio de 2024.

PROENÇA, Maria. **A arte do papel recortado.** 1999. In.: RIBEIRO, Emanuel. A arte do papel recortado em Portugal. Sintra: Colares Editora, 1999. p.07-34.

**QUANDT, Cleni Döring.** Entrevista concedida para Maria Celói da Silva Volz em Pelotas, em 16 de junho de 2024.

RIBEIRO, Emanuel. **A arte do papel recortado em Portugal.** Sintra: Colares Editora, 1999.

**SILVA, Amanda da.** Entrevista concedida para Maria Celói da Silva Volz em Pelotas, em 07 de maio de 2024.